

**LAZER, COTIDIANO E EDUCAÇÃO NA/DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE SÃO JULIÃO – VALE DO MUCURI/MG**

Recebido em: 30/10/2023

Aprovado em: 23/08/2024

Licença: 

Renata Martins¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-2521-6428>

José Alfredo Oliveira Debortoli²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5277-0523>

RESUMO: O atual artigo é um desdobramento do estudo de doutorado intitulado “Práticas sociais, cotidiano e lazer: um estudo de caso na e com a Comunidade Quilombola de São Julião”, realizada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. O processo de pesquisa foi realizado a partir de uma metodologia relacional que se propõe a refletir sobre as práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionada ao campo de Estudos do Lazer. A compreensão pelo viver e pelo sentir possibilitou um olhar para o cotidiano como campo de possibilidades, tendo clareza sobre o lugar do tempo e do território enquanto produção da vida, numa perspectiva estética, ética e comunal.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas sociais. Cotidiano. Lazer.

**LEISURE, DAILY LIFE, AND EDUCATION IN/FROM THE QUILOMBOLA
COMMUNITY OF SÃO JULIÃO – MUCURI VALLEY/MG**

ABSTRACT: The current article is an extension of the doctoral study titled "Social Practices, Everyday Life, and Leisure: A Case Study in and with the Quilombola Community of São Julião," conducted in the Interdisciplinary Graduate Program in Leisure Studies at the School of Physical Education, Physiotherapy, and Occupational Therapy of UFMG. The research process was based on a relational methodology aimed at reflecting on the social practices experienced in everyday life and their relation to the field of Leisure Studies. Understanding through living and feeling allowed for an

¹ Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Doutor em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Pós-doutor em Antropologia Social, pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Participa da Coordenação do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social (NAPrática).

exploration of everyday life as a field of possibilities, with a clear perspective on the role of time and territory in the production of life from an aesthetic, ethical, and communal standpoint.

KEYWORDS: Social practices. Daily. Leisure.

Introdução

A pesquisa, que aqui apresentamos, teve por objetivo compreender os sentidos que o lazer estabelece a partir do cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião, que é composta atualmente por uma média de 350 habitantes. Localizada na zona rural do município de Teófilo Otoni, Vale do Mucuri-MG, configura-se como um lugar que abriga uma comunidade disposta a valorizar e a preservar suas experiências culturais. Para essa compreensão, foi preciso compreender e descrever tais práticas sociais relacionadas a esse campo de estudo³.

Propusemos compreender e valorizar as experiências culturais vividas no cotidiano, pensando o lazer em relação com a educação, como um conjunto, um contexto de relações integradoras das experiências dos sujeitos. Trouxemos a experiência cultural⁴ como um caminho para problematizar outras possibilidades de produção ética, estética e temporal da vida. Buscamos trabalhar com elementos que permitissem uma reflexão acerca do que o cotidiano nos convida a perceber, e das diversas formas de produção de conhecimento que os sujeitos trazem atrelados as suas experiências.

³ O artigo é um desdobramento do estudo de doutorado “Práticas sociais, cotidiano e lazer: um estudo de caso na e com a comunidade quilombola de São Julião”.

⁴ A opção por “experiência cultural” foi para não remeter a algo objetivado, que preenche a todos de uma mesma maneira, mas que de certa forma, dá sentido as relações cotidianas que os sujeitos sociais encarnados, num dado contexto vivem. Como aponta Lave e Wenger (2022) quando diz que o conhecimento de uma regra prática geral não garante, que qualquer que seja a generalidade executada, esteja disponível nas circunstâncias específicas em que é relevante. Nesse sentido, qualquer “força de abstração” está totalmente situada na vida das pessoas e na cultura que a torna possível.

A experiência cultural e o cotidiano, nos aproximaram da noção de “práticas sociais”. A “prática” relacionada ao corpo, ao encarnado, a experiência corporal, ao vivido. “Sociais”, por sua vez, relacionado à noção de situado, que na perspectiva de Leave e Wenger implica numa compreensão abrangente envolvendo a pessoa como um todo, “na atividade no e com o mundo; e na visão de que agente, atividade e mundo se constituem mutuamente” (Leave; Wenger, 2022, p.29).

Nesta pesquisa, vinculada ao Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer, direcionamos o olhar às “práticas sociais” vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, sem desconsiderar o que aponta Gomes (2014), quando diz que, nem sempre em contextos minoritários é possível designar uma palavra ou conceito para descrever as festas, as celebrações, os ritos, as práticas corporais, os jogos, as músicas entre outras experiências, mas que esses podem designar afeição de lazeres, com seus sentidos e significados singulares. Nesse âmbito, Gomes (2014, p. 7) compreende o lazer “como uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos”.

Ao tratar das práticas sociais vividas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, consideramos o conceito de Participação Periférica Legitimada (PPL) de Leave e Wenger (2022), apreciando a aprendizagem dessas práticas como algo que ocorre horizontalmente, tendo a prática social como um fenômeno generativo primário e sua aprendizagem como uma característica desse fenômeno. Ao trazermos as folias, as festas, o batuque, o brincar, entre outras práticas sociais de lazer, a aprendizagem é focalizada “como um aspecto integral da prática (num sentido histórico, generativo) (...)”

um elemento integral da prática social geradora do mundo-vivido” (Leave; Wenger, 2022, p.30).

De acordo com a noção de Participação Periférica Legítima, de Leave e Wenger (2022), nenhum dos aspectos pode ser considerado de forma isolada, cada um deles é necessário para definir o outro, formando uma paisagem (formas, graus, texturas) de pertencimento à comunidade.

A forma que a legitimidade da participação assume é uma característica definidora dos meios de pertencimento, por isso não é apenas uma condição crucial para a aprendizagem como um elemento constituinte de seu conteúdo. De modo semelhante, em relação a “periferalidade”, é muito possível também que não exista uma “participação central” numa comunidade de prática. A periferalidade sugere que há múltiplas maneiras, variadas e mais ou menos engajadas e inclusivas, de se localizar nos campos de participação definidos pela comunidade. A questão da participação periférica aborda o estar localizado/situado no mundo social. A mudança de situação e perspectiva é parte das trajetórias de aprendizagem dos atores, bem como o desenvolvimento das identidades e as formas de pertencimento (Leave; Wenger, 2022, p. 31).

Ao compreendermos as experiências culturais e o cotidiano da comunidade de São Julião, bem como, ao descrevermos as práticas sociais da comunidade, elucidou-se possíveis sentidos que o lazer estabelece a partir do e no cotidiano. Buscamos contribuir academicamente, tecendo reflexões acerca do Campo de Estudos do Lazer, a partir de um contexto de vida cotidiana de uma comunidade quilombola como possibilidade de compreendermos a vida a partir de suas perspectivas estéticas, éticas e comunais.

Através de uma metodologia qualitativa, com o intuito de valorizarmos a ótica dos sujeitos envolvidos no processo, buscamos entender fatos sociais impregnados de valores e subjetividades, tomando cada fato estudado, um sentido próprio. Os percursos foram traçados tendo em vista o procedimento que Segato (2012) chama de “escuta etnográfica”, enfatizando “conhecimento e reflexão em resposta às perguntas que me colocam aqueles que, numa perspectiva clássica, constituiriam os objetos de observação e estudo” (Segato, 2012, p. 107). Desenvolvemos a pesquisa de forma a tornar possível,

através dos sujeitos, traçar novos caminhos a qualquer tempo, para que a escrita da tese fosse a partir do que realmente importa para eles.

Extrapolando a noção de “voz” apenas como narrativa falada, compreendendo-a como aquilo que se diz de maneiras diversas. A escolha da “escuta etnográfica”, vem tornar possível uma pesquisa intercultural, que entente que é necessária a escuta daquilo que os sujeitos apontam em relação a sua realidade vivida. Através da aproximação e escuta dos sujeitos individuais e coletivos, buscamos reconhecer, junto com eles, os saberes que a vida deles trazem, tendo a vida cotidiana como potência reflexiva. Procuramos traçar aproximações com a (re)apropriação do tempo e de materialidades que possibilitassem que esses sujeitos se apropriassem das suas histórias, das suas percepções de mundo, como forma de compreender a vida.

Ao trazermos a descrição das práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de estudos do lazer da Comunidade Quilombola de São Julião, buscamos uma provocação a um “outro” olhar sobre a vida como experiência sensível, no sentido de dar transparência a essas práticas, ao cotidiano, a processos situados, lembranças e histórias, num exercício de leitura das condições de produção deles mesmos e da vida.

Assim, o trabalho foi desenvolvido tendo em vista o que Escobar (2020) chamou de “epistemologias colaborativas”, que seria uma possibilidade de trabalhar uma noção “outra” das formas de participação dentro da pesquisa, favorecendo um envolvimento que extrapola a noção domesticada e superficial de participação, vinculando-se à noção de “comunalidade”. O autor sugere que, se queremos uma participação “outra”, precisamos de “epistemologias outras”, que supere a divisão entre pesquisador e comunidade pesquisada.

Nesse sentido, a produção da pesquisa passou por uma organização onde assumimos a responsabilidade de produção desse trabalho, que passou pelas escolhas de diálogos teóricos, processos metodológicos, entre outras questões que um trabalho acadêmico exige. Dentre essas escolhas está o fato de não colocarmos o outro, o sujeito pesquisado, como objeto de pesquisa, o que se deu com a emergência do diálogo e das relações. Na pesquisa, em que esse artigo se baseia, o outro também é sujeito no processo, tanto da produção dos dados quanto da centralidade da prática e da palavra. É importante deixar claro que são esses sujeitos que abrem possibilidades para o desenvolvimento dessa pesquisa à medida em que compartilham suas vidas, suas experiências e suas palavras.

Escobar (2020) aponta que estamos presos a um ciclo tóxico da existência cotidiana, por cultivarmos crenças da modernidade, dentre elas a de que somos indivíduos separados, autônomos; que temos uma economia separada; que a ciência nos dá uma verdade; além da crença em um mundo objetivo e real. Ele defende que a tarefa é reconectar aquilo que a modernidade separou e diz que é isso que o design está problematizando. O autor aponta as tendências do design no Norte e no Sul Global e o que ele denomina de “estudos transnacionais críticos do design”, de forma que a ideia de interdependência seja abraçada, superando uma visão antropocêntrica e instigando uma vontade de operar na realidade do mundo contemporâneo.

Logo, Escobar (2020) tenta elucidar a ideia de interdependência ou relacionalidade, afirmando que

Surgimos de uma complexa rede de relações entre o humano e os mais-que-humanos e que, então, o princípio que chamamos de relacionalidade emerge de uma forma ou de outra para entender a realidade. Também os chamamos de “interdependência radical”, no sentido que não apenas tudo está relacionado a tudo, mas tudo depende de que todo o resto exista. Para que algo exista, todo o resto deve existir. Sempre vivemos contra essa percepção, com todas as separações e binários da modernidade. [...] A vida é fluxo, é inter-relação. Tudo se relaciona com tudo e, portanto, se soubermos habitar o

planeta de forma pluriversa, segundo esse princípio da interdependência, estaremos avançando muito. Reaprenderíamos a caminhar pelo mundo como seres vivos [...] (Escobar, 2020, p. 4).

A partir dos conceitos de inter-relações, interdependência e “relacionalidade”, ele chega à noção de “comunalidade”, que emergiu na América Latina na última década. O autor aponta “que se olharmos para o panorama político e vital dos povos de hoje, nos deparamos com uma situação em que temos ‘tramas comunitárias’, por um lado, que são todas as realizações comunais dos povos e coletivos contra essas colisões e tramas de corporações transnacionais que querem incorporar-se de tudo” (Escobar, 2020, p.5). A partir dessa perspectiva, Escobar (2020) aponta que, o comunitário é um horizonte de luta, é construção contínua da vida, mas também é habitado pelas formas de poder.

Ao analisarmos as “tramas comunitárias” trazidas pelo autor, é possível perceber a proximidade com a Comunidade Quilombola de São Julião, que existe e (re)existe, considerando complexas relações de poder exercidas tanto de fora para dentro como internamente. Elas e eles criam e exercem movimentos que os possibilitam se manterem vivos, em constante luta pela manutenção de uma experiência cultura viva, expressa diariamente no cotidiano. Não sendo essa uma forma de voltar ao passado, nem continuação do presente, mas sim, desenvolvendo economias sob princípios comunais, voltadas para produção do comum, ainda que articulado ao mercado.

Escobar (2020) também traz algo que é muito caro e que conduz o fio desta pesquisa. Trata-se da chamada “política do feminino”, conceito já apresentado por outras pesquisadoras feministas e que inaugura uma proposta outra de refletir com criticidade sobre as estruturas patriarcais, que se mantem ao longo de muitos anos, embricadas com o capitalismo e o racismo presentes fortemente ao redor do mundo e, naturalmente, em comunidades como São Julião. Assim, ele propõe uma estratégia

feminina que também adotamos aqui. Optamos por realizar uma escrita coletiva, principalmente ao lado de duas mulheres que lutam diariamente na comunidade para a construção de um novo cenário nesse sentido. Assim, como aponta Escobar (2020, p. 6), seguimos “adotando uma retórica de valor às formas de felicidade comunais, que possam se opor a poderosa retórica do projeto de coisas, ao projeto de globalização”, trazendo para o cenário um conceito que, segundo Escobar (2020), foi galgado por Rita Segato (2012).

As duas mulheres com as quais estabelecemos essa relação, de forma mais direta dentro da pesquisa, são: Kátia⁵, atual presidente da Associação Vaz Pereira (primeira mulher a assumir esse cargo na história da comunidade), líder comunitária, agricultora, quilombola, nora de Pai João Preto e Mãe Augusta; Carlinha, líder comunitária da juventude, atual secretária da Associação Vaz Pereira, agente comunitária de saúde (no período de realização da pesquisa), filha de Kátia e Range, neta de Pai João Preto e Mãe Augusta. Essas duas vozes serão perenes nesta tese.

Ainda nos aproximamos do que Escobar (2020) traz como algo desenvolvido por diferentes grupos da América Latina, pesando nas epistemologias participativas, que seria a participação militante, onde descrevemos aproximações e desenvolvimentos de ações concretas possibilitadas por essa experiência de pesquisa. Nessa proposta, toda pesquisa deve ser para transformação social. Como também, adotamos um caminho de pesquisa de construção coletiva, para que os resultados e escrita da tese também fossem de interesse da comunidade. Para além, nos propusemos a um exercício de trazer as vozes, onde a escrita foi parte de um processo também coletivo.

⁵ Ao longo da tese, são usados nomes e cognomes não fictícios, obedecendo ao critério de nomear os sujeitos da mesma forma como são nomeados no cotidiano da comunidade. O uso de nomes e cognomes estabeleceu-se de comum acordo com os envolvidos, principalmente com Kátia e Carlinha, que ocuparam lugar central de produção do processo de pesquisa.

Tendo em vista a Participação Periférica Legítima, trazidas por Leave e Wenger (2022), na busca de um “outro olhar”, trabalhamos a partir das epistemologias colaborativas, através da noção de comunalidade, adotando a política do feminino e a participação militante em uma construção coletiva, baseada em Escobar (2020) e adotando a “escuta etnográfica” de Rita Segato (2012). A partir dessa construção, assumimos um processo metodológico relacional de pesquisa, onde cada capítulo foi pautado nos processos que foram emergindo a partir das formas relacionais e engajamento no cotidiano na e com a Comunidade Quilombola de São Julião.

Ao considerar esse caminho de imersão, precisamos deixar claro que não consideramos essa pesquisa uma etnografia, do ponto de vista do que o campo antropológico aponta enquanto uma construção etnográfica, mas ela não abre mão de um olhar etnográfico, sobretudo no que diz respeito à “escuta etnográfica” que, conforme Segato (2012), faz relação com uma participação e um envolvimento de corpo inteiro.

Nos identificamos com Favret-Saada (2005), no seu texto “Ser afetado”, quando ela fala que, ao tentar realizar um trabalho etnográfico sobre feitiçaria no Bocage francês, oscilava entre dois obstáculos: caso “participasse”, o trabalho de pesquisa se tornaria uma aventura pessoal; e que se “observasse”, se mantivesse à distância, não teria nada para observar. A autora diz isso para descrever um processo metodológico por meio do qual ela tentava fazer da “participação” um instrumento de conhecimento. Assim, nos encontros com os enfeitados e desenfeitadores, ela se deixava afetar, sem procurar pesquisar, nem compreender e nem reter qualquer aspecto, entretanto, ao chegar em casa, redigia uma crônica dos eventos enigmáticos vivenciados.

Favret-Saada (2005) aponta que, ao assumirmos esse lugar de participar e sermos afetados, abre-se uma comunicação específica com os nativos (que preferimos chamar de sujeitos da pesquisa), que é sempre uma comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade, que pode ser verbal ou não verbal. A proximidade com esse modo de fazer pesquisa de Favret-Saada fez com que nos encontrássemos, inúmeras vezes, ao longo do trabalho em campo, imersos em processos de alegria e envolvimento perenes e, por vezes, angustiantes, pois as regras e o tempo limitado do mundo acadêmico podem assombrar.

Nesses momentos, se for capaz de esquecer que estou em campo, que estou em trabalho, se for capaz de esquecer que tenho meu estoque de questões a fazer... se for capaz de dizer-me que a comunicação (etnográfica ou não, pois não é mais esse o problema) está precisamente se dando, assim, desse modo insuportável e incompreensível, estou direcionada para uma variedade particular de experiências humanas – ser enfeitiçada por exemplo – por que estou afetada” (Favret-Saada, 2005, p. 159-160).

Seguindo tais processos relacionais, bem como, por sermos afetados, adotamos determinados caminhos de pesquisa que se expressam em três eixos: no primeiro tratamos dos caminhos de imersão como experiência de pesquisa, descrevendo a primeira imersão em campo e as escolhas de pesquisa que se desenharam no decorrer desse período. No segundo, descrevemos as práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo dos Estudos do Lazer. Como experiências empíricas, apresentamos as folias, o brincar o batuque e a espiritualidade, temas levantados de forma coletiva com a comunidade e em especial com a líder comunitária (Kátia). No terceiro, buscamos dialogar com autores que nos ancoram em discussões sobre a temporalidade dos sujeitos, bem como, contribuições com o campo de Estudos do Lazer. Por fim, nas considerações finais, compartilhamos outras experiências concretas da vida cotidiana, ao descrever um projeto de acesso e permanência da juventude quilombola de São Julião na universidade e seus desdobramentos.

Construção dos Caminhos de Imersão

No primeiro momento buscamos descrever os caminhos que nos levaram a Comunidade Quilombola de São Julião, e logo a seguir descrevemos a primeira imersão em campo, no 5º Festival de Cultura Quilombola de São Julião, que se passou em um período de pandemia de Covid-19, no início do segundo semestre de 2021.

O 5º Festival de Cultura Quilombola de São Julião⁶ foi um projeto financiado pela Lei Aldir Blanc, que prevê auxílio financeiro ao setor cultural. Foi realizado pela Associação Quilombola Vaz Pereira, Associação Mucury Cultural, Carretel Cultural e Mútua Criativa. A associação Quilombola Vaz Pereira é composta por pessoas da Comunidade de São Julião e as demais instituições são parceiras dessa comunidade em diferentes projetos realizados nesse contexto. Esse festival teve início há 10 anos e, inicialmente, tinha como objetivo a comemoração do aniversário de Pereira da Viola, violeiro conhecido nacionalmente, que é natural de São Julião.

Iniciar um processo de pesquisa em um contexto de pandemia, fez com que alguns percursos precisassem ser modificados. Todo o mundo, nesse momento, estava se adaptando a novas formas de trabalhar, de se relacionar, de modo que, na pesquisa, não foi diferente. Como a pretensão, desde o início, era estabelecer uma relação de proximidade com a comunidade e com os sujeitos, ficamos, durante algum tempo, pensando de que forma seria possível realizar a pesquisa, tendo clareza de que os movimentos do contexto da vida também nos convidam a outras formas de relação.

⁶ O convite para participar do 5º Festival da Cultura Quilombola de São Julião aconteceu a menos de uma semana do evento. Devido à pandemia, causada pela covid-19, o evento estava previsto para acontecer de forma on-line, mas como toda a comunidade (pessoas acima de 18 anos) estava vacinada, acharam por bem que o evento acontecesse de forma presencial, com a presença física apenas dos sujeitos da comunidade. Os poucos que viessem de fora, deveriam seguir de forma rigorosa os protocolos de segurança, que incluía uso contínuo de máscaras do tipo N95 ou PFF2, uso de álcool em gel e distanciamento.

Dentre os pontos destacados ao longo dessa primeira imersão percebemos a necessidade de discussão e aprofundamento em temas como: as folias, o brincar o batuque, a espiritualidade, bem como, os desdobramentos que essas práticas sociais possibilitam. Com esses temas apontados, construímos coletivamente uma agenda das próximas imersões, para o ano de 2022, onde Kátia nos apresentou o calendário festivo e religioso da comunidade. No segundo capítulo fizemos a descrição e buscamos uma compreensão desses pontos, que essa primeira imersão nos possibilitou desenhar.

Descrevendo um Contexto de Experiências Festivas

Ao tratar das experiências festivas nos aproximamos de Lea Perez, que diz que, na festa, o coletivo experimenta uma outra existência, uma visão alternativa de si mesmos, onde por um breve instante, tudo se torna possível. Ela diz que a festa é “[...] campo do possível e do desafio, inventa/fantasia outras relações do homem com a natureza, com o mundo e consigo mesmo, outras formas de ligar, pois coloca em ação o excesso e a transgressão” (Perez, 2009, p. 12).

Festa diz respeito não a um evento delimitado no tempo e no espaço, mas há um tempo/espaço (efêmero e transitório) de exuberância e de explosão da vida, do fazer-se humano, que está fora e alheio ao devir, fora e alheio à duração, mas ancorada no porvir (Perez, 2009, p. 12).

Entre tantas práticas sociais vivenciadas no cotidiano e que estabelecem relação com o campo dos Estudos do Lazer, definimos, de forma coletiva, pela vivência e descrição de três delas, que aqui vão compor três eixos, sendo eles: as folias, o batuque e a espiritualidade.

Ao chegarmos em São Julião no início do segundo semestre de 2021, a partir das primeiras imersões, buscamos traçar, junto com os sujeitos da comunidade, quais eram as principais práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de

Estudos do Lazer. Assim, foi possível percebermos as folias como elementos centrais, pois expressam a marcação temporal no calendário da comunidade. Essas informações se tornaram relevantes para traçar os caminhos dessa pesquisa e, conseqüentemente, o cronograma de imersão em campo.

Ao longo do ano, acontecem quatro folias na comunidade de São Julião. Para compor o conjunto das práticas descritas nesta pesquisa, acompanhamos as folias realizadas durante o ano de 2022. Cada uma delas foi introduzida na comunidade de uma forma diferente e também ocorre com uma dinâmica única. Atualmente, são realizadas as folias de Santos Reis, São Sebastião, Santa Luzia e Bom Jesus.

Acompanhamos o Batuque em diferentes momentos na comunidade, desde a primeira imersão no Festival Quilombola de São Julião, realizado no ano de 2021, e depois, no decorrer das folias em 2022 e nos ensaios realizados pelo grupo para preparação de apresentações fora da comunidade. Sendo assim, o que apresentamos na tese é parte do que foi observado, do que foi experimentado no corpo, como também do que aprendemos pelas narrativas dos sujeitos.

Ao conversarmos com Carlinha sobre o batuque, ela diz que, na sua visão, o batuque é uma dança, uma cultura dos quilombolas que tem a ver com a religião, como também com os seus ancestrais, que retrata a forma como eles dançavam e cantavam e que tem seu significado atrelado a espiritualidade.

O batuque é uma dança, é uma cultura dos negros, mas é dança, uma brincadeira para descontrair. Por exemplo, no final de cada folia, que a folia é um ritual sério, de seriedade, de falar com Deus, depois que termina, pra descontrair, pra trazer alegria, é como se tivesse trazendo alegria para aquele lugar, faz-se o batuque, nas casas, ao final de cada folia. Nós fazemos apresentações e é uma dança mesmo, eu acho que o batuque é uma dança (Carlinha).

A partir da partilha do cotidiano, passamos a compreender o “Brincar o Batuque” como um momento de festejar, onde eles cantam e dançam músicas próprias.

Sempre com músicas animadas, o grupo se divide em vozes, um grupo pergunta, o coro responde. As vozes são acompanhadas de instrumentos como sanfona, viola, violão, caixa, pandeiro, triângulo e, às vezes, pratos esmaltados e colheres.

No último eixo, que é da espiritualidade, consideramos Travalha (2016), baseada em Röhn, que diz que o homem é um ser multidimensional, onde suas dimensões (a partir de uma divisão que não é fechada e por isso dificulta a limitação) vão das mais densas, que seria o corpo biológico, passando pela dimensão sensorial, pela dimensão emocional, pela dimensão mental que inclui o raciocínio lógico e vai até o mais sutil que seria a dimensão espiritual. As dimensões humanas também podem ser entendidas como imanes, a dimensão mais densa e a dimensão transcendente (da espiritualidade).

Compreendendo tais dimensões, Travalha (2016) ainda baseando-se em Röhr, considera que, ao refletir sobre a espiritualidade, é preciso levar em consideração a integralidade do ser humano, sendo impossível ver a espiritualidade de forma isolada, dissociada das outras dimensões. Refletindo sobre a dimensão espiritual, ambos, entendem que ela sempre estará ligada à fé e, nesse sentido, não é possível garantir a existência da espiritualidade, somente testemunhá-la. Ademais, não se trata apenas de um ato mental, mas algo que envolve a pessoa por inteiro, exigindo desse sujeito um comprometimento consigo, uma identificação que gera uma sincronia desse sentido com a postura de vida que é assumida.

Outro fato importante a ser considerado é que, apesar de nem toda espiritualidade pressupor uma religião, toda religião pressupõe a espiritualidade. Em São Julião, esses dois termos estão atrelados, como foi possível percebermos ao longo da imersão em campo.

Ao descrevermos os processos de imersão e as experiências festivas, tivemos como primícia o envolvimento com os sujeitos e a construção compartilhada. Isto trouxe como desdobramento e evidência as práticas e as vozes daquelas e daqueles que ocuparam lugar central de produção do processo de vida e de pesquisa. Bem como, um lugar de autoria mais reflexivo, embora compartilhado.

Para Pensar a Relação Lazer, Tempo, Território

O encontro com essa comunidade nos fez conhecer, na prática, uma outra forma de ser e estar no mundo, não dissociada do mundo contemporâneo globalizado que nos impõem o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, mas que, de alguma maneira, numa dimensão muito pequena, consegue se organizar minimamente para lidar com as pressões e formas de vida exteriores, mantendo um modo genuíno, orgânico e harmônico de estar no mundo.

Considerando o mundo exterior e as formas de vida de São Julião e pensando na complexidade das formas colaborativas de fazer pesquisa, refletimos sobre os apontamentos trazidos por Escobar (2020) sobre as “epistemologias outras”, que buscam superar a divisão entre pesquisador e comunidade pesquisada, trazendo o design como espaço importante para a produção da vida e a criação de mundos.

Diante disso, nos aproximamos de Boaventura de Souza Santos (2019), que traz reflexões importantes sobre a hegemonia do neoliberal e a dominância global nas questões relacionadas a cultura, economia e epistemologias. Ele propõe a construção e valorização de novas epistemologias, assim como a produção de um pensamento de alternativas que fortaleça a luta contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado,

trazendo as epistemologias do Sul como alternativas potenciais para ultrapassagem do norte epistêmico.

A proposta de Santos (2019) não é desconsiderar todos os conhecimentos produzidos no Norte, mas pensar alternativas vindas dos modos de produzir conhecimento nascidas pela luta por direitos e saberes invisibilizados. O autor nos aponta alguns dos desafios a serem enfrentados por aqueles que se propõe a desenvolver pesquisa nesse sentido, dentre elas a reinvenção metodológica e o enfrentamento das bases epistemológicas da exclusão abissal. Diz ainda, que é necessário um processo de coconhecimento que revolucione a teoria e a epistemologia, articulando ecologias e saberes, intelectualidade de retaguarda e artesanania das práticas.

Santos (2019) traz o corpo como centralidade, ele aponta que, enquanto as epistemologias do Norte têm “grande dificuldade em aceitar o corpo em toda sua densidade emocional e afetiva sem o transformar em mais um objeto de estudo” (Santos, 2019, p. 137), as epistemologias do Sul tratam dos conhecimentos situados na resistência e na luta contra a opressão e que, por isso, são conhecimentos que se materializam nos corpos, podendo ser eles, corpos individuais ou coletivos, “O conhecimento corporizado manifesta-se em corpos vivos [...] os que empreendem a luta contra a opressão; são corpos que sofrem com as derrotas e exultam com as vitórias. Tanto corpos individuais como os coletivos são corpos sociais” (Santos, 2019, p. 136).

Para as epistemologias do Sul, galgada por Santos (2019), entre as múltiplas diferenças corpóreas, interessa o que ele denomina como corpo moribundo, corpo sofredor e corpo jubiloso. Na tese demos destaque ao corpo jubiloso, como o autor descreve:

O terceiro corpo privilegiado pelas epistemologias do Sul é o *corpo jubiloso*, que se regozija com o prazer, a festa, o riso, a dança, o canto, o erotismo, tudo em celebração da alegria do corpo. As lutas sociais não são apenas morte e sofrimento, são também alegria e júbilo, felicidade e vitórias, sejam grandes ou pequenas, durante as pausas para recuperar as forças, ou mesmo em momentos difíceis para revivificar o espírito de lutas (Santos, 2019, p. 142).

Se as epistemologias do Norte têm dificuldade em valorizar as dimensões cognitivas da festa e da celebração, por estarem permeadas por culpa e melancolia, as epistemologias do Sul têm esse lugar como expressão da força vital e reafirmação da dignidade, que são necessárias à luta contra a opressão, que têm valor epistemológico, ao desenharem seus contornos na dor e na alegria, na energia depositada nos corpos e nos afetos e ao lançarem mão da comunicação e comunhão com dimensões espirituais (Santos, 2019). Tais considerações nos ajudam a associar os corpos jubilosos, trazidos por Boaventura, aos que descrevemos nas festas, nas celebrações e nos ritos da Comunidade de São Julião, sendo eles corpos que dançam, cantam, festejam e exercem a sua fé, ao passo que lutam, existem e (re)existem.

Simas e Rufino (2018), no livro “Fogo no Mato”, nos possibilitou reflexões sobre o colonialismo e sua edificação, destacando uma agenda que produz a descredibilidade das inúmeras formas de existência e de saber. Eles nos falam das epistemologias da macumba, que buscam transgredir as estruturas coloniais do saber, enunciando e credibilizando a existência e as práticas de conhecimento dos subalternizados.

Nos inquieta como os discursos, revestidos de sincero viés libertador e boas intenções, são empobrecedores das potencialidades humanas. Educados na lógica normativa, somos incapazes de atentar para as culturas de síncope, aquelas que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras imaginativas de se preencher o vazio, com o corpo, vozes e cantos. O problema é que para reconhecer isso temos que sair do conforto dos sofás epistemológicos e nos lançar na encruzilhada da alteridade, menos como mecanismo de compreensão apenas (normalmente estéril) e mais como vivência compartilhada. A síncope é a arte de dizer quando não se diz e não dizer quando se está dizendo (Simas; Rufino, 2018, p. 19).

Simas e Rufino (2018) se tornam referência para esse trabalho, que trata dos saberes produzidos e vivenciados na vida cotidiana dos sujeitos da Comunidade Quilombola de São Julião, num exercício chamado por Arturo Escobar (2020) de “epistemologias colaborativas”, por meio do qual buscamos produzir uma escrita conjunta com o sujeito pesquisado, onde nós traçamos caminhos, onde seus saberes são trazidos à tona, com uma potência que busca romper com determinadas estruturas. Na tese, um saber que, historicamente, sob o viés das epistemologias do Norte, é descartado, toma potência. Aquele que sabe que, em um outro contexto, seria um objeto de pesquisa, nesse trabalho é sujeito e também determina os caminhos a serem percorridos.

Nesse exercício, buscamos estabelecer diálogos com dois autores, Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) e Maria Manuel Baptista. O primeiro - um homem, negro, brasileiro, quilombola – possibilita-nos tecer reflexões acerca das formas de vida que se estabelecem na Comunidade de São Julião, para que o leitor consiga compreender de que lugar e a quais sujeitos e organização me refiro. A segunda – uma mulher, branca, portuguesa, importante estudiosa na área dos Estudos Culturais – oferece-nos um aporte teórico para tentar tecer contribuições com o campo de Estudos do Lazer.

Em Nego Bispo, buscamos desenhar o território. Para melhor compreensão e imersão do experimentado, após o período de imersão em campo, retomamos a leitura de Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), que trabalha com noções importantes a partir da sua história de vida. Ele se descreve como quilombola e não ser humano, "um tradutor do pensamento do seu povo e também como um tradutor do pensamento do colonialista" (Bispo dos Santos, 2018, p.45). Apesar de Nego Bispo falar de uma outra realidade, de trazer questões relacionadas a sua comunidade, o que ele traz nos

possibilitou entender com profundidade e expressar na tese muito do que foi vivido na comunidade de São Julião.

Bispo dos Santos (2023), logo no início do seu livro “A terra dá, a terra quer”, conta que desde os seus dez anos, seu tio começou a lhe ensinar a adestrar animais e, após algum tempo contanto a sua experiência, ele tece a seguinte reflexão:

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-a de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Bispo dos Santos, 2023, p. 11).

Diante disso, ele coloca que ao dominar a técnica de adestramento, ele logo percebeu que, para enfrentar a sociedade colonialista, em determinados momentos, ele precisaria transformar as armas do inimigo em defesa. Assim, ao trazer escritos ancestrais da geração avó, da oralidade para a escrita, ele trouxe algumas denominações que, na academia, são chamamos de conceitos. A partir daí, seguiu a prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. “É o que chamamos guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (Bispo dos santos, 2023, p. 13).

Para enfraquecer o *desenvolvimento sustentável*, nós trouxemos a *biointeração*; para a coincidência, trouxemos a *confluência*; para o *saber sintético*, o *saber orgânico*; para o transporte, a *transfluência*; para o dinheiro (ou a troca), o *compartilhamento*; para a *colonização*, a *contracolonização*... e assim por diante (Bispo dos Santos, 2023, p. 14).

Apresentada essa questão, apontamos que consideramos algumas das palavras semeadas por Nego Bispo, no intuito de traçar paralelos com a Comunidade Quilombola de São Julião.

Após descrevermos, o que denominamos como práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, a partir da participação no cotidiano da comunidade de São Julião, bem como ao trazermos elementos que

possibilitassem uma compreensão das formas de vida ali existentes, buscamos tecer reflexões acerca do campo de Estudos do Lazer, a fim de contribuirmos, ainda que inicialmente, para pensarmos formas outras de pesquisa e compreensão, no que tange os territórios, tempos e as relações que se estabelecem.

Para tornarmos possível tais reflexões, corroboramos os estudos de Maria Manuel Baptista, autora de origem portuguesa, que faz importantes reflexões no campo dos Estudos Culturais. Tomando essa autora como referência, trabalhamos com a noção de “ócio forte” e “ócio débil” e também tecemos reflexões acerca do ócio, do tempo e da temporalidade, quando a autora trava um debate entorno do *ser-aí* de Heidegger, partindo da premissa de que “o ser humano nada mais é do que tempo, ou antes, temporalidade, e só nesse horizonte se pode auto e hetero compreender” (Baptista, 2013, p. 174).

Ao entrelaçarmos as questões teóricas do Campo de Estudos do Lazer com a experiência empírica vivenciada em São Julião, é possível perceber que tais práticas sociais não ocorrem de forma dissociada, elas estão conectadas com a vida em todas as suas dimensões. Conseguimos vê-las próximas daquilo que Baptista (2016), ancorada em Inchaurreaga (2012), denomina por “ócio débil”, que faz relação com o não violento e a emancipação, que diverge e tende a debilitar o sistema da sociedade atual.

Se as sociedades ocidentalizadas capitalistas necessitam modificar a sua relação com a temporalidade, a pesquisa empírica na Comunidade Quilombola de São Julião, nos mostrou que, a seus modos, mantendo suas tradições, na resistência e na luta, na relação com a ancestralidade, com os seres divinos, com eles mesmo e com o meio onde se vive, esses sujeitos têm promovido, nos seus modos de ser, um tempo ocioso ou de lazer, que os aproxima da humanidade do ser humano - ou melhor - que os aproxima de

suas cosmologias, sendo eles orgânicos e diversos, como sugere Bispo dos Santos (2023).

Assim concluímos que, se os seres humanos, ou os diversos, nada mais são do que temporalidade, a Comunidade Quilombola de São Julião tem estado numa relação íntima com aquilo que são, mas isso não quer dizer que ocorra de forma fácil ou gratuita, pois é preciso resistir diariamente diante daquilo que lhes é imposto.

Para compreendermos os sentidos que o lazer estabelece na comunidade de São Julião, trouxemos três pontos de reflexão. O primeiro deles foi a dimensão corpórea, onde optamos por dar centralidade ao corpo no processo de pesquisa. Ao nosso ver, são necessários, cada vez mais, estudos que busquem estabelecer diálogos com a prática. Isso não significa colocar a teoria em segundo plano, mas considerar como apoio na elaboração das compreensões daquilo que foi visto, sentido, vivido, compartilhado, degustado, escutado, daqueles que sabem e vivem as práticas relacionadas ao campo de Estudos do Lazer. Compreendendo a empiria como teoria por si só, que pode dialogar (ou não) com outras teorias pré-existentes.

O segundo foi o território, entendemos que foi fundamental delineá-lo, pois nenhuma teoria dará conta de definir ou mesmo dar suporte ao desconhecido. Ao delinear o território, foi possível perceber de que lugar falamos, as peculiaridades, costumes, formas de ser e de pensar, bem como, as inquietações que lhes são próprias. Pensando nesse sentido e levando em consideração a diversidade existente no mundo atual, teremos realidades muito particulares, de modo que determinadas teorias irão dialogar de forma plena outras em partes e outras, em nenhuma medida e essa não é uma peculiaridade do campo dos Estudos do Lazer, nem mesmo da comunidade estudada.

Por fim, retomamos o tempo. Ao estabelecermos um diálogo com o Norte epistêmico para falar sobre ele. Foi preciso delinear-mos de que tempo falamos em São Julião, pois a organização do tempo vivido naquela comunidade pouco tem a ver com os tempos estabelecidos em sociedades capitalistas contemporâneas. O estudo empírico mostrou que a Comunidade Quilombola de São Julião se aproxima de um tempo que passa a ser necessário, que Baptista (2013) vislumbra como uma saída imprescindível frente à atual organização de uma sociedade contemporânea capitalista. Ao descrever o ser humano – ou aqui diversos - como temporalidade, ela propõe que se viva uma temporalidade do ócio/lazer, que possibilite aos sujeitos condições de serem críticos, capazes de tecer reflexões acerca de si mesmos e do mundo, capazes de subverter a ordem imposta pelo sistema, aproximando-se de si mesmos em sua essência.

Ao descrevermos o lazer a partir da vida cotidiana, a ideia foi pensá-lo num contexto comunal da existência. A vida, em sua diversidade, que tem um fluxo cotidiano que nos invoca a pensar a emergência de um lazer que é inteiro, que não é fraturado, que não é o contrário do trabalho, que é uma forma de expressão da *práxis*, uma forma de expressão da vida, uma forma ritual, estética, ética, comunal da vida. Assim, as práticas sociais vivenciadas no cotidiano dessa comunidade e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer estão refletidas ou apenas são os modos de ser desse grupo social.

Assim, seguimos para as considerações finais do trabalho, onde tivemos a pretensão de apontarmos experiências vivenciadas na e com a comunidade e caminhos de pesquisas possíveis, que demonstram as pressões exteriores e interiores, a importância das suas lutas, onde o lazer não está dissociado.

Considerações Finais

Começamos as considerações finais retomando as epistemologias participativas, descritas por Arturo Escobar (2020) tendo em vista o pressuposto de que toda pesquisa deve promover transformação social, sendo chamada de participação militante. Descrevemos um projeto de acesso e permanência dos jovens de São Julião na universidade, que muito diz sobre as pressões do mundo globalização (capitalista, colonialista e patriarcal), que atingem diretamente as tramas comunitárias, que são todas as realizações comunais dos povos e coletivos contra as colisões e tramas de corporações transnacionais que querem incorporar-se de tudo.

Essa conquista de inserção, como possibilidade de formação universitária, está diretamente ligada com a história de vida deles. Apesar de serem eles alunos aplicados, dispostos e preocupados com as questões relacionadas à educação, não conseguiram se manter dentro da universidade, mesmo estando vinculados a um curso que, segundo o texto de apresentação, “[...] visa domínio dos saberes das diversas áreas do conhecimento, contempladas na matriz curricular do curso, visando não só a mediação na docência, mas também a produção de novos saberes, e a posição crítica em relação às situações educativas, assumindo compromisso com a realidade social contemporânea das populações do campo[...]” (LEC, 2019, n.p.), que tem por objetivo “promover a formação de professores contextualizada na realidade dos povos do campo, fundamentação importante para a materialização das políticas públicas [...]” (LEC, 2019, n.p.). A universidade, atuando enquanto ferramenta do sistema, ainda conseguiu cercear esse direito. Esses estudantes descobriram na prática que não é possível atingir determinados lugares, sem olharem para quem eles são.

Outra etapa do processo metodológico que foi preciso ainda descrever é que, após a tese já estar escrita, fizemos um encontro on-line, com Kátia, para que ela pudesse ter acesso à versão final do trabalho. O que chamamos de “encontro”, é diferente de uma orientação acadêmica, mas tem equivalência, pois foi uma conversa em que falamos sobre o que foi evidenciado em cada eixo (que já era de seu conhecimento), apresentamos as falas trazidas na íntegra, as fotos que compõem o texto, além de oportunizar que ela opinasse sobre o estudo, indicando que estávamos abertos para a discussão de qualquer ponto que devesse ser modificado.

Nesse encontro, ainda tivemos acesso a uma outra informação que acordamos que era importante que estivesse presente na tese, bem como também como foi possível identificar outras possibilidades de aprofundamento para pesquisas futuras. O assunto tratado faz relação com as lutas diárias das mulheres e, de forma mais específica e interna, das mulheres da Comunidade Quilombolas de São Julião.

Esse processo relacional nos possibilitou a descrição das experiências festivas; permitiu o desenho do território, de modo que emergissem as formas de ser e estar no mundo da comunidade de São Julião, aproximando-a de outras comunidades de quilombolas por meio do diálogo com Nego Bispo; e tornou possível estabelecer um diálogo com elementos como o tempo, o território e o corpo para refletir sobre as práticas sociais vivenciadas no cotidiano que fazem relação com o campo de Estudos do Lazer.

O compreender pelo viver e pelo sentir nos possibilitou encarar a vida cotidiana como um campo de possibilidades, tendo clareza sobre o lugar do tempo e do território como produção da vida e, nas relações estabelecidas, foi possível tomarmos consciência da história de um lugar em que o lazer emerge, o ritual emerge, as práticas situadas

emergem das relações concretas da vida. As práticas sociais vividas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer da comunidade em estudo são expressão da *práxis*, expressão da vida, uma forma ritual, estética, ética e comunal.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. M. Ócio, temporalidade e existência uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggerianas. *Revista Lusófona de Estudos Culturais. Lusophone Journal of Cultural Studies* v.1, n. 2, p. 173-182, 2013.

BAPTISTA, M. M. Estudos de ócio e leisure studies: o atual debate filosófico, político e cultural. *Revista Brasileira dos Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 20-30, 2016.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. Somos da terra. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023. 112p.

ESCOBAR, A. **Contra o terricídio**. Tradução de Maria Cristina Ibarra Hernandez. Palestra da 16ª Participatory Design Conference 2020, Manizales (Colômbia). Publicado pela N-1 edições, 2020. Disponível em: <http://www.n-1edicoes.org/textos/190>. Acesso em: 19 de out. 2021.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, v.13, p.155-161, 2005.

GOMES, C.L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

INCHAURRAGA, Z. Z. Por un ocio posmoderno [no] violento. Interpretado desde la crisis y la hermenéutica de Giane Vattimo. *In: AMIGO, J. C. Amigo J. D. M. (eds.). El Ocio Transformado[r]: resignificaciones y tendencias ocio em tiempos de crisis*. Bilbao: Universidade de Deusto, 2012.

LAVE, J.; WENGER. **Aprendizagem situada: participação periférica legitimada**. Belo Horizonte: UFMG, 2022.

LEC. **Licenciatura em Educação do Campo**, Diamantina. Diamantina, 2019. Disponível em: <https://portal.ufvjm.edu.br/a-universidade/cursos/lec>. Acesso em: 25 de març. 2023.

PEREZ, Léa Freitas. Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental. *Licere*, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009.

SANTOS, B. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SEGATO, R. L. Gênero e Colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, 107-131, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo o mato**: a ciência encantada as macumbas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

TRAVALHA, C. C. X. Educação e espiritualidade na UFMG: desafios e limites de uma proposta de pesquisa e estudos. In: SOARES, Eliana do Sacramento; RECH. Jane. **Educação Espiritualidade** [recurso eletrônico]: tessituras para contrução de cultura de paz/org. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. p. 52-70.

Endereço do(a) Autor(a):

Renata Martins

Endereço eletrônico: renata.martins1983@hotmail.com

José Alfredo Oliveira Debortoli

Endereço eletrônico: dbortoli@eeffto.ufmg.br